



## **Arborização na Mídia**

### **Jornalismo Ambiental e os Órgãos midiáticos<sup>1</sup>**

Elaine Ortiz<sup>2</sup>, Fabíola Perez Corrêa<sup>3</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie

#### **Resumo**

O artigo busca contribuir para a reflexão de uma nova postura dos órgãos midiáticos frente à temática ambiental considerada secundária em termos de relevância e de visibilidade jornalística. Enfocando as metrópoles de São Paulo e Rio de Janeiro, foram analisados os veículos on-line, *Folha de São Paulo* e *O Globo*, para verificar a frequência das publicações. Partindo da premissa de que não são satisfatórias, pôde-se comprovar por meio dos métodos indutivo e comparativo e de pesquisas bibliográfica e documental que os resultados obtidos refletem a grande defasagem sofrida pelo tema frente ao jornalismo.

#### **Palavras-chave**

Jornalismo Ambiental; Metrópoles; Arborização; Degradação; Conscientização.

#### **Introdução**

Esse artigo fundamenta-se na pesquisa envolvendo o tema *Jornalismo Ambiental e os Órgãos Midiáticos*. Visa a analisar a influência desses órgãos frente à consciência da população acerca da degradação e suas perspectivas para a preservação das áreas verdes.

Duas cidades da região sudeste são estudadas, São Paulo e Rio de Janeiro, por apresentarem grande representatividade no desenvolvimento do país, além de um acelerado crescimento econômico resultando em significativa mudança no cenário ambiental. Dado o intenso período de urbanização, gerado a partir do êxodo rural, as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no III Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos/SP, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

<sup>2</sup> Estudante de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq com o tema Infotainment nas revistas de interesse geral: análise dos critérios de noticiabilidade das matérias de comportamento das revistas *Época* e *Veja*.  
Contemplada pelo Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental (PROAM) com viagem ao Amazonas por matéria realizada em 2007 sobre o Manifesto pela Sustentabilidade da América do Sul. ortizelaine@terra.com.br

<sup>3</sup> Estudante de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq com o tema Jornalismo popular e cidadania: análise do engajamento político nos jornais *Agora* e *O Dia*. fabiolaperez\_101@yahoo.com.br



idades foram obrigadas a absorver a mão-de-obra excedente, construindo fábricas e, assim, ocupando áreas antes verdes.

Devido a esses fatores, o artigo contempla, como objetivo geral, verificar a importância das árvores em metrópoles cercadas por regiões industriais, analisando a frequência das publicações na mídia on-line, mais especificamente, *Folha On Line* (SP) e *O Globo OnLine* (RJ). Como objetivos específicos, visa a quantificar as matérias publicadas no período de um ano (2005) sobre meio ambiente e identificar períodos e motivos para detectar por que as matérias sob essa temática são noticiadas.

Para a referida pesquisa quantitativa são necessários o auxílio das pesquisas bibliográfica e documental, além do uso dos métodos indutivo e comparativo para que seja possível a constatação ou não da premissa inferida de que há uma defasagem nas publicações sobre arborização e meio ambiente.

### **1.) Meio Ambiente**

Meio ambiente é o âmbito da ciência que compreende um conjunto de elementos da natureza e a relação da mesma com quem nela habita. O homem apareceu tardiamente na história da Terra, mas tem sido capaz de modificar o meio ambiente para adaptá-lo às suas necessidades. O ambientalista e engenheiro Gil Portugal (1992), em seu artigo *A Agressão Ambiental* explica:

As causas das agressões ao meio ambiente são de ordem política, cultural e econômica. A sociedade civil ainda não prioriza, como deveria, por insensibilidade, a defesa do meio ambiente. Ao contrário das sociedades indígenas, cuja cultura respeitava a natureza, o homem moderno só começou a perceber a necessidade de combater a poluição quando os efeitos dela lhe caíram sobre a cabeça. Empresários com visão de curto prazo, inescrupulosos e indiferentes aos danos ao meio ambiente, deixaram em segundo plano o controle ambiental.<sup>4</sup>

As perspectivas, no que se refere ao meio ambiente, são pouco claras, ainda que o interesse e a preocupação pelo assunto sejam importantes. A partir daí, torna-se necessária e eficaz a idéia de educação ambiental que ultrapassa os simples cuidados com animais e plantas. A conscientização é o último recurso, talvez a esperança, para contornar o caos causado pelo ser humano a fim de que possa recriar seu habitat e sempre lembrar que o ambiente é finito.

---

<sup>4</sup> PORTUGAL, Gil. *A Agressão Ambiental*. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em << <http://www.gpca.com.br>>>. Acesso em: 05/05/2006



## 2.) Jornalismo Ambiental

O papel dos órgãos midiáticos é conscientizar a população e a interação da mídia com o esforço das autoridades deveria estimular a preservação ambiental, visto que o jornalismo é o ator que promove a interpenetração dos discursos entre os demais campos sociais, interagindo e confrontando distintos pontos de vistas do amplo tecido social. Ocorre que, inicialmente, a preocupação ambiental se confundia com a luta pela defesa de nossas florestas, o que deixou marcas na recente história do jornalismo ambiental, como afirma André Trigueiro (2003, p. 76) em seu artigo *Meio Ambiente na Idade Mídia*:

Numa primeira abordagem sobre como a mídia vem tratando dos assuntos de meio ambiente, é conveniente, portanto, começar pela televisão, evocando a lembrança de uma fórmula que vem se perpetuando ao longo do tempo graças à boa receptividade do público e pontos preciosos na audiência: imagens e sons da vida selvagem.<sup>5</sup>

Trigueiro (2003, p.76) avalia ainda:

Os programas do gênero na linha jornalística ou de documentário – feitos no Brasil ou importados da BBC, National Geographic e outros gigantes desse mercado em franca expansão – contribuem de forma extraordinária para a disseminação de uma cultura preservacionista, fazendo soar o alarme contra a destruição da fauna e da flora.<sup>6</sup>

A redução do meio ambiente à fauna e à flora é, definitivamente, um erro de grandes proporções já que limita a problemática ambiental a questões aparentes, que já conquistaram significativa visibilidade tanto em relação à publicização midiática quanto na sociedade.

A história do jornalismo no continente americano sobre a preocupação ambiental data de 1930. No entanto, somente anos depois surgiram correntes de opinião a respeito do tema, todavia a lentidão e a superficialidade ainda eram características marcantes. O livro *Comunicação e Ambiente*, da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (1992, p.26) corrobora a afirmativa:

---

<sup>5</sup> TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no Século 21*. São Paulo: Sextante, 2005.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p.76.



A mensagem comunicacional ambiental manteve-se mais ou menos até os anos 70 e esteve sobre influência da problemática ambiental rural dos Estados Unidos, no qual os problemas ambientais eram exemplificados e combatidos com mensagens do tipo rural – “não corte”, “não queime” – (...) nos convidando a cuidar dos recursos naturais, proteger o bosque e preservar a fauna e a flora.<sup>7</sup>

O surgimento do Jornalismo Ambiental como uma modalidade jornalística mais concreta ocorreu na década de 1990 quando na Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, nove mil jornalistas foram credenciados para a cobertura do evento. Com isso, os veículos de comunicação do Brasil responderam rápido a nova demanda e o tema meio ambiente tornou-se pauta nas redações.

Novos cadernos e suplementos foram criados, numa saudável competição para ver quem conseguia explicar melhor a complexa pauta do encontro. Na falta de jornalistas especializados para preencher todas as vagas abertas, recorreu-se ao auxílio luxuoso de técnicos de diversas áreas alçados à condição de articulistas e colunistas. Nunca, em nenhum outro período da História, se falou tanto em Meio Ambiente.<sup>8</sup>

Houve, portanto, uma abertura da temática para o debate público, despertando o interesse e popularizando expressões antes conhecidas apenas no meio científico.

Ainda que o momento pós Rio-92 tenha oferecido um aumento considerável aos espaços dedicados a assuntos ambientais, o que proporcionou a uma nova geração de jornalistas um mercado mais arejado e menos preconceituoso, ainda hoje, no Brasil, há uma escassez na oferta de cursos de meio ambiente voltados para estudantes de comunicação e jornalistas profissionais. O motivo muitas vezes é mais por interesses escusos que pela ausência de consciência ambiental.

O fato é que o jornalismo ambiental ameaça os interesses das empresas públicas ou privadas que agem na contramão da sustentabilidade. Para essas empresas, uma exposição ruim na mídia pode desencadear uma sucessão de desastres que vão de um ligeiro arranhão na imagem à perda de credibilidade, com eventuais impactos no faturamento e na cotação das ações no mercado de bolsa.<sup>9</sup>

Diante desse panorama, os idealistas e apaixonados profissionais de imprensa verde, muitas vezes buscam refugio em espaços alternativos, fora da grande mídia e a Internet é um de seus grandes trunfos para a pressão em favor das causas ecológicas.

---

<sup>7</sup> Comunicação e Ambiente. Publicado pela Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1992.

<sup>8</sup> Ibidem, p.81.

<sup>9</sup> Ibidem, p.84.



## 2.1) Conscientização e desenvolvimento sustentável

A partir da década de 60 do século XX, o ser humano constatou estar vivenciando uma crise ambiental cujos problemas detêm elevado grau de complexidade.

Existem mudanças em curso no mundo que necessitam ser diagnosticadas e compreendidas uma vez que fazem parte do processo civilizatório. Esse impasse, entretanto, leva o homem contemporâneo a repensar sua atuação sobre a Terra.

A industrialização e os impactos urbanos no meio ambiente é um assunto relevante, pois coloca em pauta os limites de um contra-senso que envolve a dicotomia de um capitalismo explorador de recursos naturais e o instinto de preservação. Dessa forma, deve haver uma mudança significativa que atue diretamente na consciência de cada cidadão.

A mídia com sua função social e seu poder de influência confere uma função ainda maior: a da formação da opinião pública, consolidando um alicerce para divulgação do “alerta ambiental”.

O ser humano desenvolveu astúcia suficiente para expandir sua tecnologia de forma a saciar por completo sua necessidade socioeconômica, porém, durante seu percurso colocou a questão ambiental em segundo plano. Hoje, é a primeira vez que o nível de conscientização alcança um estágio alarmante e planetário.

A tecnologia proveniente de produções humanas é responsável pela polêmica gerada em torno de políticas específicas para preservação. Isso sugere um posicionamento inovador e imediato em relação ao binômio homem-natureza. As dificuldades para reverter essa situação estão indubitavelmente no sistema vigente: o capitalismo, dado o aumento da degradação concomitante ao crescimento de mercado.

O referido sistema impõe uma corrida em prol das urgentes mudanças. Em razão disso, Guilherme Foladori (2001, p.137), autor de *Limites do Desenvolvimento Sustentável* afirma:

Grande parte das discussões em torno do desenvolvimento sustentável tem como denominador comum essa contradição entre desenvolvimento ilimitado e mundo material finito. A crise ambiental ainda que possa ser visível ou explícite um desajuste entre o ser humano e a natureza, é essencialmente uma crise das relações sociais entre os seres humanos.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> FOLADORI, Guilherme. *Limites do Desenvolvimento Sustentável 2*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.



Retomando o papel importante da mídia como alicerce formador de opiniões, André Trigueiro expõe em *Mundo Sustentável*<sup>11</sup> as premissas do jornalismo ambiental atentando, também, à necessidade de os veículos de comunicação no Brasil terem respondido rápido à demanda de notícias sobre meio ambiente, de forma que assuntos complicados foram adaptados a linguagem cotidiana. Uma verdadeira operação de guerra mudou a rotina das redações, nas quais uma montanha de pautas até então solenemente desprezadas, mais por ignorância do que por má-fé, justificaram coberturas espetaculares. (TRIGUEIRO, 2005, p.292).

Pela temática ambiental não contar com uma rápida assimilação são necessários questionamentos pontuais e contundentes acerca do assunto. Dessa forma, esse desafio resultará em notícias acessíveis provenientes de jornalistas não menos conscientes e bem preparados para transmitir corretamente o conteúdo de maneira ampla. Entretanto, segundo o mesmo autor, a pesquisa e o estudo não devem cessar. O senso de urgência que o assunto requer e a dimensão planetária da crise justificam, por si sós, a atualização dos conteúdos pedagógicos. (TRIGUEIRO, 2005, p.278).

### **3.) Urbanização na região Sudeste**

A concentração urbana no Brasil é da ordem de 80% da população, e o seu desenvolvimento tem sido realizado de forma pouco planejada, com grandes conflitos institucionais e tecnológicos. Um dos principais problemas relacionados a ocupação urbana são as inundações e os impactos ambientais. A tendência atual do limitado planejamento urbano integrado está levando cidades, principalmente as da região sudeste, a um caos ambiental urbano com custo extremamente alto para a sociedade.

A mata tropical que existia no litoral foi devastada durante o povoamento, em especial nos séculos XVIII e XIX, no período de expansão do cultivo do café. Na serra do Mar, a dificuldade de acesso contribuiu para a preservação de parte dessa mata.

Em consequência desses fatores o impacto ambiental se dá pelo processo de mudanças sociais e ecológicas causado por perturbações - uma nova ocupação e/ou construção de um objeto novo como uma usina, uma estrada ou uma indústria. Diz respeito ainda à evolução conjunta das condições sociais e ecológicas estimulada pelos impulsos das relações entre forças externas e internas à unidade espacial e ecológica, histórica ou

---

<sup>11</sup> TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável: Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em transformação*. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

socialmente determinada. Antonio José Teixeira Guerra (2000, p.35) em seu artigo *Impactos Ambientais em Áreas Urbanas*, explica que

no exame dos impactos ambientais na cidade, a multidimensionalidade não pode ser negligenciada. Não que se questione os pesos diferentes da localização, opção urbanística, topografia, rede de drenagem, composição geológica do terreno, uso do solo e traçado das ruas.<sup>12</sup>

É a relação entre a sociedade e a natureza que se transforma diferencial e dinamicamente. Os impactos ambientais são escritos no tempo e incidem diferencialmente, alternando as estruturas das classes sociais e reestruturando o espaço.

### **3.1) Degradação das árvores em São Paulo;**

No final do século XX a Região Metropolitana de São Paulo situava-se no Planalto Atlântico, em um compartimento rebaixado, espalhando-se por uma área de cerca de 8.000 km<sup>2</sup>. Sua condição geográfica acidentada e a proximidade com o Oceano Atlântico influenciam fortemente o padrão de circulação atmosférica. Aliados ao processo intensificado de urbanização e industrialização, esses fatores definem suas características ambientais. Segundo Antônio José Teixeira Guerra,

São Paulo de Piratininga foi fundada por missionários jesuítas em 1554, como colégio para converter e educar os índios, especialmente as crianças, e assim protegê-las da escravidão, promovendo o casamento misto. Os jesuítas ocuparam a maioria das cidades portuárias do Brasil e na Região Sudeste, estabeleceram-se originalmente em São Vicente, de onde atravessaram a serra até São Paulo. Segundo a versão oficial, o Padre Anchieta previu que a cidade se tornaria a futura metrópole do Brasil.<sup>13</sup>

Antes da Independência do Brasil, vigorava o regime de uso do solo das “sesmarias”. A terra era propriedade do Estado, e a concessão dependia do uso. As consequências para o meio ambiente dessa política estão presentes ainda hoje, com o estímulo à ocupação, acarretando devastação vegetal e cobertura arbórea sistemática. Após 1822, a posse da terra ainda era definida pela ocupação, embora informalmente e sem a tutela da Coroa Portuguesa. Em 1850, a Lei de Terras definia a propriedade como um objeto legal de comércio, independente de ocupação ou uso.

---

<sup>12</sup> GUERRA TEIXEIRA, Antonio José. *Impactos Ambientais em Áreas Urbanas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p.41.



Com a industrialização do período pós-guerra, os problemas urbanos de São Paulo tornaram-se cada vez mais complexos. Em termos de uso do solo e devastação, o controle sobre o crescimento horizontal desordenado, até 1964, foi inexpressivo.

O desrespeito ao meio físico no ambiente urbano pode ser analisado de diversas formas, seja pelas respostas que a natureza dá ao homem, seja pelo desrespeito ou ausência de uma legislação ambiental pertinente.

### **3.2) Degradação das árvores no Rio de Janeiro**

Apesar das profundas transformações registradas na paisagem da cidade do Rio de Janeiro, desde o início do século XIX, a primeira grande fase de expansão de sua malha urbana só ocorreu a partir da segunda metade desse século, estendendo-se até o início do atual. Essa primeira fase de grande expansão urbana coincidiu com a inauguração das estradas de ferro, com a implantação das linhas de bonde e com o estabelecimento de indústrias que permitiram a efetiva expansão urbana nas direções norte, sul e oeste, e o pleno desenvolvimento de seus principais subúrbios.

No início do século XIX, a população da cidade correspondia a 60 mil habitantes, e os limites do espaço urbano não ultrapassavam o Campo de Santana. Já em meados do século passado eram 200 mil os habitantes do Rio e, no final do mesmo (1890), sua população já ultrapassava meio milhão de habitantes, permitindo o surgimento da favela, com a ocupação das encostas dos morros de Santo Antônio e da Providência. O início do século passado até o final da década de 1930 corresponde a uma fase de espetacular expansão do tecido urbano da cidade. A administração do Prefeito Pereira Passos inicia um período de grandes transformações na forma e no conteúdo da cidade, com o programa da reforma urbana e do saneamento. Porém, inicia também, o processo de favelização dos morros cariocas. Esse período caracterizou-se pela modernização e embelezamento da cidade, pelo aparecimento do automóvel, pela eletrificação dos bondes, pelo grande incremento de atividade industrial e o aparecimento do concreto, tudo isso caracterizado pelo desmatamento arbóreo atlântico da região.

O desmatamento continua sendo o maior vilão da Mata Atlântica no Estado do Rio de Janeiro. De acordo com as estatísticas do IEF - Instituto Fundação Estadual de Florestas, esse tipo de crime ambiental representou 51% dos 315 autos de constatação emitidos pelo órgão em 2005. A maior concentração ocorreu no Rio de Janeiro, na Costa Verde e na Região Serrana, onde se localiza a maior parte da mata no Estado. Tomar o Rio como palco para investigação sobre danos ambientais urbanos é ter a





possibilidade de uma ampla ilustração, pois se trata da segunda maior cidade brasileira, com toda a complexidade de problemas inerentes a uma cidade desse porte, somando-se à sua peculiaridade de possuir uma exuberante paisagem natural e permear toda a sua estrutura física lhe conferindo uma condição de lugar meio-cidade, meio-mato.

#### **4) Metrôpoles e Meio Ambiente**

O grande dilema para os órgãos públicos e toda a sociedade civil é garantir o desenvolvimento das grandes metrôpoles e, ao mesmo tempo, preservar e cuidar do pouco que restou dos recursos naturais. Foi exatamente para discutir e traçar metas de ação que o Brasil sediou em 1992, na cidade do Rio de Janeiro, a *Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente*, conhecida como Rio 92. Nesse encontro 170 países se comprometeram em fazer sua parte perante as questões ambientais, em prol do desenvolvimento sustentável a médio e longo prazo. Desse período até hoje poucos foram os resultados positivos.

Visualizar as grandes metrôpoles é uma maneira de notar que esse comprometimento se tornou mais teórico ao invés de prático e as principais capitais brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, são demonstrações desse fato. A capital paulista, por exemplo, foi erguida sob o sinônimo do desenvolvimento. Baseada nessa prerrogativa, a construção da maior cidade latino-americana contrariou a preservação de seus recursos naturais. Assim como outras metrôpoles, o crescimento desordenado, sem políticas públicas adequáveis, causam hoje problemas que prejudicam a própria vida da cidade. Para Pedro Jacobi, autor do livro *Cidade e Meio Ambiente, Percepções e Práticas em São Paulo* (1999, p. 19), o desenvolvimento das periferias exemplificam este desajuste sócio-ambiental:

O processo de ocupação extensiva e desordenada do espaço urbano da cidade de São Paulo dá origem às periferias “desurbanizadas”, sem infra-estrutura necessária formadas a partir das práticas de ocupação do espaço conhecidas pela qualidade habitacional autoconstrução/casa própria/loteamentos periféricos.<sup>14</sup>

As periferias da cidade são o resultado do crescimento desordenado, principalmente no século XX, no qual São Paulo foi o principal destino de imigrantes que procuravam novas oportunidades na crescente industrialização. O aumento da indústria e da massa demográfica destruiu boa parte dos recursos naturais. A zona leste da cidade pode ser

---

<sup>14</sup> JACOBI, Pedro. *Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999.

vista hoje como um resultado final desta degradação urbana. Caminhando para o mesmo sentido encontra-se a Zona Sul, uma região que continua crescendo em números populacionais e industriais, ao mesmo tempo em que consome a Mata atlântica e os recursos hídricos como a represa Billings . No documento *Agenda 21 Local, Compromisso com a Cidade de São Paulo*, elaborado para a cidade logo após o Rio 92 (1996, p. 119) essa questão é abordada:

A lei de proteção aos mananciais, buscando resguardar o abastecimento de água da cidade, criou fortes restrições para a ocupação do solo naquela área, o que tornou a região pouco atraente ao mercado imobiliário formal. A criação do pólo industrial de Santo Amaro e o caráter excessivamente restritivo de determinadas disposições contidas na lei dos mananciais constituíram-se nos principais fatores de proliferação de loteamentos clandestinos na região sul, os quais avançam celeremente sobre a porção mais significativa da Mata Atlântica do Município. Tais loteamentos, por não subordinarem às leis de uso do solo, não destinam espaços para a implantação de áreas verdes e outros equipamentos sociais.<sup>15</sup>

#### **4.1) Espaço para o verde em São Paulo**

O comprometimento da cidade com a preservação e criação de áreas verdes é um fator primordial. São Paulo encontra-se praticamente impermeabilizada, não havendo meios para a vazão das águas, provocando inúmeras erosões e enchentes. Além disso, a falta de árvores têm prejudicado ainda mais o grave problema da poluição atmosférica, sonora e visual. No livro *Agenda 21 Local* (1996, p. 118), este fator é destacado:

Dos 1.509 km<sup>2</sup> que formam o Município de São Paulo, apenas 10,20% ou 154 km<sup>2</sup> são ocupados por áreas verdes. Considerando uma população de dez milhões de habitantes, a cidade de São Paulo apresenta um índice de área verde de 15,4 m<sup>2</sup>/hab. Este índice é referente às áreas verdes públicas e particulares e não representa uma distribuição equitativa no Município.<sup>16</sup>

A importância das áreas verdes em um contexto urbano como São Paulo é fator preponderante para o equilíbrio ambiental. Caso a cidade obtivesse uma quantidade de árvores superior as citadas pelo relatório, problemas inimagináveis do dia-a-dia paulistano poderiam ser amenizados ou até mesmo solucionados.

---

<sup>15</sup> *Agenda 21 Local, Compromisso com a cidade de São Paulo*. Publicado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. São Paulo: 1996.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p.118.



As áreas verdes desempenham funções importantes para a manutenção da qualidade ambiental urbana, através da diminuição da poluição atmosférica, sonora e visual, da proteção ao solo, da regulação do ciclo da água, da diminuição da “ilha de calor”. As áreas verdes também são utilizadas para a sinalização viária, o lazer, o referencial histórico e a identidade paisagística urbana; sendo por isso largamente ressaltadas para a valorização imobiliária.<sup>17</sup>

#### 4.2) Projetos de arborização

Cientes da importância da preservação ambiental nas metrópoles, as secretarias municipais do meio ambiente juntamente às Organizações Não Governamentais trabalham juntas para garantir o desenvolvimento sustentável. Somente em São Paulo elas somam sessenta e três.

Uma das principais ações da Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente de São Paulo em prol da arborização urbana, é o *Programa Um Milhão de Árvores*, que trabalha há mais de uma década para garantir o espaço verde a longo prazo. No lançamento de seu documento principal *A Questão Ambiental Urbana da Cidade de São Paulo*, (1993, p. 519), os objetivos destacados foram

ampliar e recuperar a arborização dos logradouros públicos, incluindo benefícios diretos e indiretos envolvendo aspectos ambientais, educacionais, de vegetação e de fauna; Compatibilizar a arborização pública com o meio físico urbano assegurando a implantação de espécies vegetais adequadas ao local de plantio, evitando danos aos equipamentos urbanos (calçadas, redes de distribuição de luz, dutos e galerias), bem como diminuindo a necessidade de podas (galhos, raízes) e outros tratamentos culturais.<sup>18</sup>

No Rio de Janeiro, por meio da Fundação Parques e Jardins, órgão ligado a Secretaria do Meio Ambiente daquela cidade, o projeto de arborização recebe destaque especial no bairro de Campo Grande, na zona leste da cidade, por apresentar grande crescimento urbano e por ser uma das últimas áreas de expansão, nas quais pequenos bairros e loteamentos estão se estabelecendo, se inserindo e ampliando a malha urbana.

Os problemas da região de Campo Grande no Rio de Janeiro assemelham-se muito aos da zona sul de São Paulo, justamente pelo conflito entre as novas moradias e a preservação ambiental. Pedro Jacobi resumiu em seu *livro Cidade e Meio Ambiente* (1999, p. 14) o problema:

---

<sup>17</sup> Ibidem, p.117.

<sup>18</sup> A questão ambiental urbana. Publicado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente. São Paulo: 1993.

Os problemas ambientais decorrem do impacto da urbanização predatória do ecossistema. Isto retrata os efeitos da ausência de políticas que atendam o cada vez mais acentuado déficit habitacional (...). A dinâmica urbana excludente e segregadora determina uma paisagem cada vez mais marcada pela prevalência de estratégias de sobrevivência que destroem a cobertura vegetal e privilegiam a deterioração do meio ambiente urbano.<sup>19</sup>

Construir e desenvolver metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro com qualidade de vida ligada ao meio ambiente é o principal desafio dos órgãos competentes e de toda a sociedade. Sem essa meta, as cidades estarão com seu desenvolvimento ameaçado.

## 5.) Análise dos veículos

A fim de enumerar os dados pesquisados para uma posterior análise sócio-política e ambiental das relevantes metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, foram elaboradas tabelas para conferência das matérias nos jornais on-line Folha de São Paulo e o Globo que retratassem a temática da arborização. Durante o período analisado foram encontrados os seguintes resultados:

### Matérias publicadas durante o ano de 2005

FOLHA DE SÃO PAULO	O GLOBO
29	12

#### 5.1) Folha On line

Durante a análise do veículo *Folha de São Paulo* foram identificadas vinte e nove matérias durante o ano de 2005, sendo que nos meses de janeiro, abril, junho, novembro e dezembro não foi constatada nenhuma publicação. A partir desse resultado pode-se notar que a sazonalidade é um fator primordial que implica diretamente na frequência das publicações. Essas matérias perdem evidência, pois competem com as temáticas quentes elencadas pelo jornalismo político e econômico. Por outro lado, ganham visibilidade quando o fator ambiental aparece relacionado a programas governamentais. É possível exemplificar com as matérias referentes aos meses de março e agosto, quando o governo estadual lançou o seu programa de plantio de 840 mil árvores em São Paulo e a ampliação do parque Villa Lobos, respectivamente. Isto provocou as chamadas suítes (desdobramentos de uma matéria principal), resultando em uma

---

<sup>19</sup> JACOBI, Pedro. *Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999

totalidade de vinte reportagens e superando o índice de publicações mensais. (ver tabela abaixo).

## 5.2) O Globo Online

Durante o ano de 2005, foram localizadas doze matérias, sendo que nos meses de fevereiro, junho, agosto e setembro não houve publicação alguma. Pode-se notar que no jornal *O Globo* houve um certo equilíbrio numérico na periodicidade das publicações, sendo que constatou-se que no mês de abril as matérias publicadas superaram o índice dos demais meses. Estas se referiam à reestruturação do espaço urbano e também ao plantio de 85 árvores em dez ruas da região, aparecendo com frequência para destacar o trabalho da prefeitura, merecendo apenas um destaque fugaz pelos órgãos de imprensa e voltando a ocupar seu posto secundário nas categorias de discussões, como demonstra a tabela abaixo:

**Índice de publicações mensais**

	FOLHA DE SÃO PAULO	O GLOBO
JAN	-	1
FEV	1	-
MAR	8	1
ABR	-	3
MAI	1	2
JUN	-	-
JUL	2	1
AGO	12	-
SET	2	-
OUT	3	1
NOV	-	1
DEZ	-	2
TOTAIS	29	12

## 6) Folha e O Globo: outras localizações

Durante o período analisado os veículos publicaram matérias vinculadas a outras localidades. No jornal *Folha de São Paulo*, uma das matérias retratava a transposição do Rio São Francisco e como a arborização influi diretamente nesse processo funcionando como uma alteração direta do homem no meio-ambiente. No jornal *O Globo* a arborização fora do estado do Rio de Janeiro enfocou a cidade de Curitiba, que por tratar questões ambientais com o merecido destaque, foi considerada a primeira entre as capitais.



### Identificação das publicações de outras localidades

	FOLHA DE SÃO PAULO	O GLOBO
URBANAS LOCAIS	28	11
OUTRAS LOCALIDADES	1	1

Embora os jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* sejam mídias de grande representatividade na região sudeste e abordem temas nacionais, é perceptível que em alguns casos foquem suas publicações apenas na região a qual pertencem, comprovando, pelo baixo índice de publicação de matérias de outras localidades, que exercem a função de mídia local.

### Considerações Finais

Por meio da análise dos jornais on-line *Folha de São Paulo* e *O Globo*, o artigo científico propôs uma discussão sobre o tema *Arborização na Mídia* inserida no jornalismo. A pesquisa objetivou analisar criteriosamente as publicações que abordam essa temática no que se refere à frequência e aos critérios de noticiabilidade, isto é, aqueles utilizados pelos jornais pra definir as notícias aptas para a publicação.

Em face dos acontecimentos do século XXI, o meio ambiente requer análises mais profundas que encaminhem o homem a uma retomada de seus valores, auxiliando na compreensão de fatores como a interação de assuntos de cunho social que contribuam para o entendimento de diversos âmbitos da vida humana.

Relacionando essa relevância ao poder transformador midiático, constatou-se que o tema meio ambiente é encontrado nas publicações de forma global, superficial, sem contextualização e aprofundamento. Portanto, é explícito que o enfoque dado pela mídia à questões ambientais não é proporcional a sua importância, ou seja, a mídia não cumpre seu papel fundamental acerca do esclarecimento e da informação necessária a sociedade.

Na análise os números recordes, durante os meses pesquisados, estão indiretamente ligados aos projetos pró-governamentais, substituindo sua essência pela necessidade de maior ênfase as decisões dos partidos vigentes.

Por meio de pesquisas bibliográfica e documental, pode-se confirmar a hipótese de que não houve número de publicações satisfatório. De acordo com a situação analisada torna-se urgente a mudança de atitudes não apenas do homem, que recebem informações, mas principalmente das mídias que as emitem, pois com o decorrer dos anos, o tema tende a ganhar mais espaço nas páginas da imprensa.



## Referências bibliográficas

AMORIN, Gilney. *O desafio da sustentabilidade: um debate socioambiental no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.

FOLADORI, Guilherme. *Limites do Desenvolvimento Sustentável 2*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

GUERRA TEIXEIRA, Antonio José. *Impactos Ambientais em Áreas Urbanas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

JACOBI, Pedro. *Cidade e meio ambiente: percepções e práticas em São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999.

PORTUGAL, Gil. *Agressões ao Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: 1992. Disponível em <http://www.gpca.com.br>. Acessado em 05/05/2006.

TRIGUEIRO, André. *Mundo Sustentável: Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em transformação*. Rio de Janeiro: Globo, 2002.

TRIGUEIRO, André. *Meio Ambiente no Século 21*. São Paulo: Sextante, 2005.

*Comunicação e Ambiente*. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1992

*A questão ambiental urbana na cidade de São Paulo*. São Paulo, Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 1993.

*Agenda 21 Local, Compromisso com a cidade de São Paulo*. Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 1996.

<<<http://www.folha.uol.com.br> – acessado em 07/05/2006>>

<<<http://oglobo.globo.com> – acessado em 07/05/2006>>